



## Helena de Macedo

Helena de Macedo nasceu em S. Tomé e Príncipe, em Agosto de 1966, e veio para Portugal em Outubro de 1974. Nunca perdeu as suas raízes africanas e as peripécias vividas durante a infância, o clima e o sentimento de liberdade marcaram o desenvolvimento da sua personalidade, sempre aventureira, destemida e imaginativa.

Aos 20 anos, a necessidade de assimilar o máximo do que o mundo tem para oferecer foi mais forte: saiu de Portugal para trabalhar em navios, sempre à procura de novos desafios e novas aprendizagens. Após alguns anos de interregno, proporcionou-se o regresso ao mar e a oportunidade de conhecer o mundo, abrir e enriquecer horizontes.

O primeiro romance foi escrito aos 13 anos e a partir daí escrever tornou-se mais do que um passatempo, respondendo à sua necessidade de dar forma ao que observa, a desafia e inspira. *O binóculo mágico* é o seu segundo romance publicado, depois de *Cartas com Amor*, também editado pela Coolbooks.

Helena de Macedo

# O binóculo mágico

**coolbooks**

O Conde viu-a entrar pelo portão, como se arrastada pela brisa fresca do Abril ensolarado que movia as cortinas que o escondiam. Inclinou-se um pouco na cadeira para ver melhor. Naqueles dias, uma imagem assim podia não passar de uma miragem oferecida pela memória, daquelas que trazem alento e um pouco de imaginação a noventa e sete anos que viveram melhores dias.

Fixou nela o olhar. Cabelo castanho-escuro, comprido e liso, brilhando ao sol, envolto por uma aura de reflexos mais claros; pele clara de quem não tomava banhos de sol havia muito tempo; um vestido leve que lhe deixava os joelhos e os ombros pálidos à vista; umas sandálias, talvez com um pouco de salto. O rosto, que olhava, ora para um lado, ora para o outro, enquanto caminhava lentamente, procurando o que a levava ali, deixava adivinhar uns olhos castanhos, talvez esverdeados, e uma serenidade invulgar.

Deixou de ver tudo o que acontecia em redor – as pessoas a passear, as que se sentavam na esplanada à sua frente, as árvores, os canteiros com flores e arbustos que ali estavam desde que se conhecia como gente, a vista sobre o mar azul, brilhante, imenso, que delimitava a propriedade de um dos lados, e, do lado oposto, por detrás de um muro alto, a estrada movimentada por um misto de passeios turísticos e azáfama diária de uma localidade turística privilegiada.

Ela olhou para a janela das águas-furtadas, talvez instintivamente, como se pressentisse a atenção, a curiosidade, o interesse que despertava.

O Conde não percebeu se foi mesmo o seu corpo cansado a ceder ao esforço ou se o embaraço pelo flagrante, mas voltou repentinamente

à posição confortável do costume. Novamente escondido pela cortina, observou-a a olhar para a janela, algures entre o espanto e a dúvida. Estaria lá alguém?

Ela desviou o olhar. Alguém a chamara e agora dirigia-se para o centro do jardim, onde a proprietária da Livraria Antiquário a abraçou, levando-a dali no meio de uma tagarelice visível. O Conde achava que aquela mulher sofisticada, um tanto rechonchuda e demasiado extrovertida, não tinha o temperamento nem a personalidade necessários para estar num lugar daqueles. Conhecia a família, não tão tradicional como a sua; a fortuna começara com o bisavô, um jogador oportunista que ganhou o recheio da casa de um jovem fidalgo inexperiente. A venda das peças de primeiríssima qualidade resultou muito bem. Tanto, que continuou a apostar e a ganhar. Com a sua morte, os filhos venderam o que restava do espólio e resolveram abraçar o negócio, procurando relíquias que pudessem comprar por uma bagatela e vender com bom lucro. A geração seguinte fez parte daquelas que não souberam aproveitar muito bem as fortunas conquistadas pelos antecessores. Conseguiram gastar todo o dinheiro herdado e o muito que ganharam, até deitarem por terra o prestígio da família.

Rebeca parecia ter o tino comercial do avô, mas o espírito pouco organizado do pai. Era boa comerciante, sabia onde encontrar livros e boas peças antigas e estava no lugar ideal para os vender; o único senão era mesmo a falta de perfil.

O Conde observava enquanto as duas mulheres se dirigiam para o quiosque envidraçado e se sentavam frente a frente. Cerrou os olhos para ver melhor e tentar interpretar o que ali se passava. Eram amigas, tudo o indicava, mas parecia-lhe uma amizade peculiar aquela. Ficou com receio de se ter enganado com a primeira impressão.

Ouviu a chave entrar na sua porta, e a enfermeira que passava as noites na divisória junto à sua cama entrou, com algumas compras e o seu ar desenvolto.

Respondeu ao cumprimento e ficou a observá-la, enquanto ar-  
rumava tudo na *kitchenette*. Depois, foi ter com ele e aconchegou-o  
quase carinhosamente.

– Então, Sr. Conde, como passou a manhã?

– Muito bem, obrigado. E a Natércia, tinha muitos doentes na  
clínica?

– Alguns. Mas sabe que é o meu favorito, por muitos que apareçam.  
O Conde riu-se.

– A Natércia também é a minha favorita.

– Parece bem-disposto, com cara de quem teve uma boa visão.

– Desta vez, não era uma visão, era de carne e osso.

Natércia franziu o sobrolho, e ele voltou a olhar para a Livraria  
Antiquário. As duas mulheres continuavam a conversar, mas pa-  
reciam mais tranquilas. Como ele desejava que a sua visão ainda  
fosse tão boa como no tempo em que era capaz de distinguir esqui-  
los e pássaros nos ramos das árvores em frente.

\*\*\*

Sara ouvia atentamente o que Rebeca lhe dizia sobre o trabalho  
na Livraria Antiquário. O horário e o ordenado eram bons, tendo  
em conta experiências anteriores.

– Este lugar é ideal para ti, minha querida – garantiu Rebeca.

– Eu sei que o ordenado não é lá essas coisas, mas pago-te uma co-  
missão sobre as vendas que partirem da loja. Tenho a certeza de  
que vais dar-te muito bem com este ar do mar, o sol, o ventinho bom  
que sopra. Há muitas pessoas novas para conheceres, homens boni-  
tos e ricos. E estás no meio destas maravilhas. O que dizes?

– Eu quero tentar. Gostei muito da primeira impressão. Imagino-  
-me perfeitamente a trabalhar aqui. Também me parece que é algo  
como isto que está a fazer falta na minha vida.

– É mesmo. E vê lá se saís dessa concha e convives com as pes-  
soas. Não tens de estar enfiada neste círculo o tempo todo. Todos

estes quiosques que vês por aqui são lojas e têm pessoas a trabalhar lá dentro, inclusive homens. Vê se abres esses olhos!

Sara riu-se.

– É verdade! Como é que vais desabrochar e encontrar alguém, se vives fechada? Eu sei o quanto estás a sofrer, mas chegou a altura de olhares em frente. Chegou o momento de pensares um bocadinho em ti.

– Vou pensar – prometeu Sara. – Obrigada por me deixares trabalhar aqui. É um bom começo.

– Eu é que te agradeço por me ajudares a sair. Não tenho mesmo o menor feitio para viver fechada neste aquário. Não sou um peixe, sou uma fura-vidas! Quero ir para a rua, procurar artigos e possíveis clientes. A sério! Caíste-me do céu! Não aguento ficar aqui, e é difícil encontrar alguém com o temperamento necessário. Se tu não conseguires, desisto de procurar.

– Vou conseguir.

– Assim é que se fala. Agora, deixa-me ir embora! Tens todos os meus números, se tiveres alguma dúvida, algum problema, sabes como me encontrar. Vamos só tomar um café, para te apresentar a algumas pessoas.

– Não é preciso, eu depois vou...

– Claro que é preciso! Se não te conhecerem, não se aproximam, e tu não sais dessa concha.

No café, trataram Rebeca de forma descontraída e sorriram para Sara, quando foi apresentada. Encontraram mais pessoas conhecidas, com quem Rebeca trocou palavras bem-dispostas. No regresso à livraria, levou-a às lojas mais próximas e apresentou-a como uma grande amiga que começava naquele momento a trabalhar ali.

– Ela é muito sossegada, se não a forem buscar, também não vem ter convosco. Nem sei como nos tornámos amigas!

– Tu tens descaramento que chegue para as duas – ripostou Sara.

– Também acho. E estou a gostar da resposta, é um óptimo sinal!

Entregue à livraria, Sara olhou para o que a rodeava, reconhecendo o território. Aqueles livros antigos, aquelas peças decorativas, o cheiro suave a pó de talco que pairava no ar e a natureza do outro lado das vidraças – todo o ambiente lhe transmitia algo positivo, relaxante. Era como se já tivesse ali estado. Sorriu e abanou a cabeça; nunca entrara naquele espaço, só podia ser mais uma das sensações estranhas, às quais se ia habituando. Olhou novamente para a janela das águas-furtadas. Não se livrava da sensação de ter visto alguém a espreitar. Tinha sido fechada.

Passava um pouco das três da tarde e havia algum movimento de pessoas. Viam-se mães a passear os bebés, pessoas com cães pela trela, casais de namorados, grupos de amigos. Os restaurantes e cafetarias tinham movimento, as outras lojas menos e parecia que ninguém entraria na sua.

Entreteve-se a ver os livros expostos nas prateleiras. Tirou os que tinham um título mais sugestivo e folheou-os. Tentou decorar as suas posições. Observou a forma meticulosa como Rebeca mantinha o pequeno espaço. Quem não a conhecesse, nunca a imaginaria naquele tipo de negócio. Sempre a conhecera ligada a antiguidades, e custava-lhe perceber aquela ligação. Principalmente, a coerência, a organização e até o carinho com que tudo estava arrumado. Depois de estar em contacto com livros tão antigos, parecia-lhe que aquele círculo era um mundo à parte; sentia-se fora da realidade, e gostava de se sentir assim.

Catarina, a dona da loja de pronto-a-vestir, foi desencaminhá-la para um café.

– Tens aí um cordão, é só prendê-lo à porta que ninguém entra. Sara assim fez.

– E é mesmo seguro?

– É. Se acontecer alguma coisa, chamam-nos.

Tinha um temperamento parecido com o de Rebeca. Falava pelos cotovelos, mas estava numa loja onde era necessário ser assim.

Vendia roupa de marca, cara, para um público juvenil, e tinha de ter um espírito mais arrojado.

Conversaram sobre trivialidades, e Catarina falou sobre si, sobre a loja, os clientes, a rotina do parque comercial, as pessoas.

Sara também falou sobre si, e até achou que tinha falado mais do que o habitual, mas Catarina comentou que ela era a pessoa indicada para trabalhar com Rebeca: calma e reservada. Poderia aguentar o stress dela, quando o negócio não corresse tão bem como era preciso.

– Não corre sempre bem? – perguntou Sara.

– Tem altos e baixos. Esta área comercial foi criada para ricos, para aqueles mesmo ricos. Torna-se um pouco ingrato, porque nem sempre os ricos são mesmo ricos, nem sempre têm o capital disponível para gastar no supérfluo. Acho que, por vezes, vendemos mais a pretensos ricos e a pessoas consideradas remediadas que resolvem presentear-se com uma extravagância. É um conceito incerto, há momentos em que ficamos com a corda ao pescoço.

– Acho uma ideia tão fantástica, terem aproveitado este espaço para um parque comercial. Tem tudo para resultar.

– Sem dúvida. Foi o que achámos todos, quando aqui chegámos, que era o sítio ideal. Mas, bem vistas as coisas, vivemos numa sociedade com a economia demasiado limitada. A maior parte das pessoas vive das marcas internacionais mais baratas. É complicado gerir tudo isso.

Olham para o relógio e sobressaltam-se, os minutos de pausa tinham-se esgotado.

Alguém passou perto da mesa e reconheceu Catarina. Aproximou-se, numa atitude de brincadeira séria.

– Olá, boneca! Ainda não te tinha visto hoje. Foste almoçar à concorrência?

– Sim, meu querido, hoje traí-te. O meu marido fez-me uma surpresa e levou-me a almoçar longe daqui.

– Pois, essa concorrência é imbatível. Com a conta bancária dele, nem me atrevo a melindrar.



Catarina riu-se.

– Sara, este é o Valentim, o dono deste restaurante-bar. Não te preocupes com esta conversa, porque é só fogo de palha. A última coisa que ele quer é envolver-se.

– Olá. – foi o cumprimento dele, quase sem olhar.

Sara respondeu com um sorriso. Era a primeira pessoa a não ser simpática. Pôs a moeda para pagar os cafés em cima da mesa e resolveu ignorá-lo. Prestou atenção ao resto da pequena conversa, mas olhando apenas para Catarina.

Enquanto se afastavam, ele redimiou-se.

– Adeus, Sara. Bem-vinda ao clã.

– Obrigada.

Ao final da tarde, o movimento caiu muito. Catarina disse-lhe que haveria pessoas a jantar. Os restaurantes eram privilegiados, pois nunca deixavam de trabalhar, nem nos dias mais rigorosos de inverno. Principalmente o de Valentim. Os jardins verdes e tratados e a vista para o mar proporcionavam momentos magníficos de refeição.

Já escurecia quando chegaram as sete horas as lojas começaram a fechar.

Aquela rotina agradou-lhe. Pousou o exemplar de uma das primeiras edições de *O Conde de Monte Cristo* e preparou-se calmamente para ir embora, apreciando o que se passava à sua volta.

Catarina acenou-lhe antes de se afastar e as outras pessoas despediram-se com um “até amanhã” comunicativo.

O seu olhar foi atraído para a janela das águas-furtadas, mas continuava fechada.

Valentim estava na esplanada, a dar instruções aos empregados de mesa, quando passou. Não se encontravam tão perto como isso, mas Sara percebeu que ele a tinha visto e feito questão de não acenar. Aquela antipatia não se enquadrava no espírito dos lojistas, nem tão-pouco com o que vira da relação entre Valentim e Catarina. Mesmo os que se mostraram mais reservados tinham sido, no

mínimo, educados. Deu consigo a pensar que era uma pena, porque ele tinha boa figura e parecia ser um homem interessante. Achou que se tratava de mais um daqueles que pensavam que um cabelo louro, um físico bonito e uma carteira recheada eram tudo o que uma mulher podia desejar.

Ouviu o telemóvel a tocar, o que a fez parar para o procurar dentro da bolsa.

– Olá, Rebeca.

– Já estava a pensar que tinhas desaparecido.

– Desculpa. Malas grandes e telemóveis pequenos, sabes como é.

– Pois sei. E então, minha querida?

– Não vendi nada.

– Também não estava à espera que vendesses. Achas que te adaptas a trabalhar aí?

– Tenho a certeza. Acho isto encantador.

– Que bom! Nem sabes o peso que me tiras das costas. Fora desse aquário consegui ter uma tarde bem produtiva e fazer algum dinheiro. Vendi umas peças decorativas e dei o cartão da loja a um cliente que quer escolher uns livros antigos. Vou enviar-te um *e-mail* com os dados dele. Assim, quando o receberes, dás logo um ar da tua graça.

Sara riu-se.

– Está bem. Ainda bem que as coisas começaram a resultar.

– Ainda bem mesmo, porque estou a precisar de sair do vermelho. Se não fizesse dinheiro nos próximos dias, ficava sem espaço de manobra. Agora, quero ver-te a espevitar, arranjar um namorado dos bons e sorrir. Está bem?

– Está bem, Rebeca. Acho que vamos no bom caminho.

– Ótimo. Vemo-nos amanhã, talvez ao almoço.

Ao entrar em casa, teve a sensação de que a mãe continuava viva, deitada na cama, entre todas as almofadas que minoravam as dores no corpo e a falta de ar. Quase gritou um “Olá, mãe, cheguei!”, antes de despertar e se lembrar de que ela já lá não estava havia quase dois meses.

Ligou a televisão para fazer barulho e preparou-se para tomar um duche quente, relaxante. O seu jantar seria um bom prato de sopa, com todos os legumes, chá e torradas. Depois, ficaria a ler até chegar o sono.